



Improvizando sobre dominantes secundários

Nesta coluna, vamos aprender como escolher as escalas que devem ser utilizadas sobre um dominante secundário, tanto em contextos maiores quanto menores, utilizando os seguintes critérios:

a) As notas do arpejo do acorde dominante secundário;

b) Notas restantes do tom (no caso de existir mudança de tom na música devemos obviamente usar as notas do tom do momento).

EXEMPLO 1

Em Dó maior, temos um A7, que é o dominante do segundo grau e deve resolver nesse - portanto, um V/II. As notas do arpejo A7 são Lá, Dó#, Mi e Sol. Completando com as notas do tom, temos a seguinte escala: Lá, Si, Dó#, Ré, Mi, Fá e Sol. Esse é o modo Lá mixolábico.

EXEMPLO 2

Em Lá maior, temos um B7, que é o dominante do quinto grau, devendo resolver nesse - portanto, um V/V. As notas do arpejo B7 são: Si, Ré#, Fá# e Lá. Completando com as notas do tom: Si, Dó#, Ré#, Mi, Fá#, Sol# e Lá. Esse é o modo si mixolábico.

EXEMPLO 3

Em Mi menor, temos um F#7 - que é o V/V, devendo resolver no B7. As notas do arpejo F#7 são Fá#, Lá#, Dó# e Mi. Completando com as notas do tom: Fá#, Sol, Lá#, Si, Dó#, Ré e Mi. Esse é o modo F# mixolábico.

EXEMPLO 4

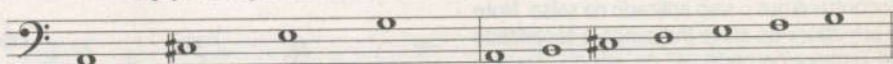
Em Sol menor, temos um G7 - que é o V/IV e deve resolver, portanto, no quarto grau. As notas do arpejo G7 são Sol, Si, Ré e Fá. Completando com as notas do tom, temos Sol, Lá, Si, Dó, Ré, Mib e Fá.

Obviamente, existem outras opções de escalas e arpejos que podem ser aplicados em cada situação dominante, tais como a escala alterada, dom-dim e tons inteiros.

Também devemos lembrar que, da mesma forma que é possível um dominante secundário, é possível uma cadência II-V secundária, tanto em situações maiores quanto menores. O critério é o mesmo. Portanto,

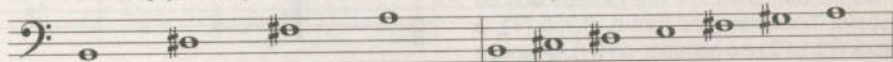
EXEMPLO 1

arpejo A7 (que em dó maior, é V/II) arpejo + notas restantes do tom: lá mixolábico



EXEMPLO 2

arpejo B7 (que em lá maior, é V/V) arpejo + notas restantes do tom: si mixolábico



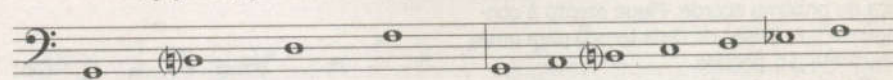
EXEMPLO 3

arpejo F#7 (que em mi menor, é V/V) arpejo + notas restantes do tom: fá# mixolábico



EXEMPLO 4

arpejo G7 (que em sol menor, é V/IV) arpejo + notas restantes do tom: sol mixolábico



se podemos utilizar uma cadência II-V para atingir o I, podemos fazer II/II - V/II para atingir o segundo grau, por exemplo.

A princípio, o que se encontra no repertório, em linhas gerais, segue a lógica já proposta. Se o grau a ser atingido possui um acorde maior, usa-se o II-V para situações maiores (compassos 2 e 3). Se o acorde a ser atingido é menor, deve-se usar o II-V para situações menores (compassos 5 e 6). Porém, em alguns casos, torna-se interessante usar o II-V para situações menores numa situação maior (obviamente, deve-se sempre levar em consideração a melodia do momento - às vezes ela não torna possível tal procedimento). O contrário já não traz um resultado tão interessante.

Neste ponto, devemos lembrar da regra básica: o que funciona para o menor certamente funciona para o maior, todavia nem

tudo que funciona para o maior funciona para o menor. Para citar mais um exemplo, é só lembrar daquela prática muito presente no blues, em que se usa uma pentatônica menor sobre um acorde maior, criando um choque entre a 3M do acorde com a 3m da escala (que soará nessa situação como uma 9+) e trazendo um efeito bastante interessante.

O contrário (aplicar uma pentatônica maior em cima de um acorde menor) não costuma funcionar. Repare também nas escalas escolhidas para os II secundários. No compasso 2, utilizei o modo Sol dórico por ser a opção com menos notas evitadas. No compasso 5, utilizei o modo Mi lídio, já que a sua 9m é uma nota pertencente ao tom (portanto, diatônica). Não utilizei o modo Mi lídio 9 por ter uma nota não pertencente ao tom (o Fá# - a nona maior).

Dúvidas? É só mandar um e-mail. Abraço!